falta de um acordo global mandatário, cada país deve cumprir o patamar mais baixo de sua meta. Além disso, os pesquisadores consideraram brechas que permitem aos países emitir mais do que o prometido oficialmente. Os cientistas alertam que, para começar a reverter o quadro, é essencial que um acordo mais ambicioso do que o de Copenhague seja alcançado nos próximos dois anos. ***(FP)***

[MÍDIA]

Clima de colaboração

É com colaboração que sete veículos de comunicação americanos pretendem combater os elementos que vão contra uma boa cobertura sobre as mudanças climáticas e trazer informação de qualidade aos leitores. Lançada em abril, a Climate Desk junta os esforços das revistas *The Atlantic, Mother Jones e Wired*, dos *websites* Grist e *Slate*, do programa da TV pública *Need to Know* e da ONG Centre for Investigative Reporting.

O que os levou a colaborar em vez de competir, dizem os editores, é o fato de que as mudanças climáticas e seus impactos humanos, ambientais, econômicos e políticos são uma "história fascinante e importante", mas que "não tem sido bem contada".

Por trás da Climate Desk está a ideia de apenas uma editoria – ou *desk*, em inglês – para tratar de assuntos conectados pelas mudanças climáticas, no lugar de compartimentalizar a cobertura em editorias de ciência, tecnologia, política, negócios etc. Em vez da preferência da cobertura tradicional a notícias sobre a vida selvagem ou o "debate" sobre a existência das mudanças climáticas, os parceiros prometem centrar-se no que consideram a notícia mais importante: "Como vamos enfrentar, mitigar ou nos adaptar" a essas mudanças.

Os resultados dos esforços conjuntos são publicados pelos parceiros e no *website* www.theclimatedesk.org. A primeira série trouxe reportagens sobre como as empresas estão se adaptando à mudança climática, mas os editores garantem que as próximas podem incluir críticas à ciência climática ou a grupos que advogam a ação para mitigá-la. "Nosso único dogma é o bom jornalismo". ***(FP)***



[EDUCAÇÃO]

Sala de aula amazônica

Dizem que a gente só aprende mesmo quando vivencia, quando experimenta. Sem isso, o conhecimento não passa de um arquivo morto entulhado em nossos cérebros. Vivo, vivíssimo, tem sido o aprendizado dos alunos da nova disciplina eletiva da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-Eaesp), a Formação Integrada para a Sustentabilidade (FIS). Tem a sustentabilidade como norte, a transdisciplinaridade como eixo e um projeto-referência como desafio – e desafiador é a palavra certa para o projeto inicialmente escolhido: Belo Monte.

Durante 10 dias em contato com a realidade amazônica, os **alunos da FIS** envolveram-se com as questões da usina, a população local, as comunidades indígenas, governos e representantes das empresas. "A tarefa dos alunos – chamada de desafio – é produzir um parecer para dois grandes bancos signatários dos Princípios do Equador, com recomendações sobre financiar ou não o empreendedor vencedor do leilão para a construção de Belo Monte, a partir da análise dos riscos socioambientais *vis-à-vis* a oportunidade de negócio", explica Mario Monzoni, professor da disciplina.

Os alunos também tiveram a oportunidade de conhecer as obras de instalação da UHE Jirau, no Rio Madeira, onde os impactos de um empreendimento hidrelétrico já são sentidos, e fazer suas comparações. Em gvces.wordpress.com, acesse vídeos e *posts*. – ***por Amália Safatle***

[HABITAÇÃO]

O sonho da casa sustentável própria

Construir residências com base em projetos sustentáveis é cada vez mais barato não apenas para a natureza, mas

Notas

para o bolso. Na 2ª Ambiental Expo 2010, em São Paulo, foi apresentado um protótipo de casa popular, de 40 metros quadrados, cuja execução custaria R$ 45 mil. Um modelo similar, sem os recursos da sustentabilidade, ficaria entre R$ 35 mil e R$ 40 mil. A vantagem é que, com o passar do tempo, essa diferença de valor pode ser compensada, diante da economia no consumo de diversos itens. Entre eles, eletricidade. O sistema que capta energia solar para aquecer a água permite redução de 30% no uso de energia elétrica do chuveiro. Em comparação ao *boiler*, a diminuição é de 70%.

A captação da chuva no telhado faz o morador gastar até 50% menos de água, já que a reaproveita nos sanitários e na irrigação do jardim. Um espaço entre o teto e a telha de celulose reciclada faz parte de uma solução arquitetônica que facilita a circulação do ar no espaço interno, possibilitando menos uso de ventilador ou ar-condicionado.

Os tijolos de solo-cimento não queimam cerâmica nem lenha no processo de fabricação, reduzindo emissão de gás carbônico. "Não é apenas economia de energia, mas um projeto que se traduz em mais conforto e qualidade de vida para quem vai morar na casa", diz Luiz Henrique Ferreira, diretor da construtora Inovatech, que idealizou o protótipo em conjunto com a Fundação Vanzolini e o arquiteto Rodrigo Mindlin Loeb. Antes do fim do ano, é possível que se tenha o primeiro condomínio de casas populares certificado com o selo Aqua, atribuído pela Fundação.
– por Eduardo Shor



(ERRATA) ***Ana Valeria de Araújo, coordenadora-executiva do Fundo Brasileiro de Direitos Humanos, não integra o comitê orientador do Fundo Amazônia, ao contrário do que foi publicado na reportagem "Democracia em três atos", na edição 40. Ela apenas participou de uma oficina técnica com fundos de pequenos projetos promovida pelo Fundo Amazônia.***

FALA, LEITOR *Histórias e ideias de quem lê* Página22



Para atuar na área de sustentabilidade, Tiago, o que é preciso?

– Humildade, humildade, humildade.

Tiago Carvalho de Morais tem 29 anos e é coordenador socioambiental da Plantar. Trabalha com as comunidades onde a empresa planta eucalipto para virar o carvão vegetal das siderúrgicas. Seu ganha-pão e desafio diário é o relacionamento com os pequenos produtores, comunidades tradicionais e viventes do Cerrado mineiro cantado por Guimarães Rosa no seu *Grande Sertão: Veredas*.

Engenheiro agrônomo formado em Viçosa (MG), começou a carreira trabalhando em projetos relacionados à agricultura familiar orgânica, passando pela área de segurança do trabalho e chegou à coordenação socioambiental da Plantar, que, segundo ele, acaba reunindo as atividades anteriores somadas a outras empreitadas.

"Quando chegamos a uma comunidade ou mesmo na casa de um vizinho nosso, o principal é respeitar. Não chegamos com discurso pronto, primeiro vamos para escutar", afirma. A Plantar conta com o trabalho de ONGs da região, como o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, que realiza trabalhos voltados para a educação, geração de renda, o fortalecimento e resgate da cultura local. Paralelamente também são feitos monitoramentos de fauna, flora e recuperação de áreas degradadas.

– E como têm andado esses projetos, Tiago?

– Tem muita coisa pra ser feita, mas já temos resultados interessantes. Um exemplo são as cooperativas de apicultores que comercializam o excedente na região. Outro grupo que vem crescendo é o que trabalha com plantas medicinais. E tem também as mulheres, que estão fabricando sabão usando o abacate.

Tiago acredita que iniciativas como essas são as alternativas para evitar mais êxodo rural e inchaço das cidades. "O que a gente pensa ser verdade com os estudos, com a ciência, pode não ser real para quem tem a vivência. Esse convívio harmônico de todos é nossa busca."

A Plantar foi questionada sobre o seu projeto de Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), quando organizações sociais alegaram que esse projeto apresentava irregularidades. Procurada por Página22, a empresa informou que todos os plantios do projeto são certificados pelo Forest Stewardship Council (FSC) e que este foi reconhecido como "o melhor projeto de MDL implementado no Brasil", em prêmio concedido pela revista *Meio Ambiente Industrial*, em parceria com os ministérios da Ciência e Tecnologia e do Meio Ambiente. ***(ACD)***

SE VOCÊ DESEJA PARTICIPAR DESTA SEÇÃO, ESCREVA PARA LEITOR@PAGINA22.COM.BR E CONTE UM POUCO SOBRE VOCÊ E SEUS PROJETOS.
PARA SE COMUNICAR COM TIAGO CARVALHO DE MORAIS, ESCREVA PARA TIAGO.MORAIS@PLANTAR.COM.BR